



Imigração Galega em Salvador: deslocamentos de subjetividades

Adriana Alonso Alvarez

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, Bahia, Brasil

E-mail: adriana.alonso.alvarez@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4662-2549>

Resumo: Este artigo analisa a interação da tríade conceitual, colonialidade, etnicidade e branquitude, enquanto elementos para uma análise de práticas migrantes a partir do olhar do Sul Global. As experiências migratórias entre o Sul e Norte Global são representadas pelo fenômeno imigratório de galegos para Salvador durante parte do período da ditadura franquista e o seu desdobramento através do deslocamento de seus descendentes para a Espanha. Analisamos as formas como as três conceituações dialogam entre si e se movimentam, interpretam corpos, subjetividades e espaços no processo de ascensão socioeconômica de imigrantes galegos em Salvador e por meio das experiências da chamada “migração de retorno” de seus descendentes. O texto busca contribuir para a produção crítica sobre práticas e experiências migratórias partindo-se da percepção migrante sobre a própria experiência. Reconhece a relevância das subjetividades para uma compreensão profunda sobre as desigualdades nas relações entre os países e suas sociedades, explorando como fenômenos localmente situados podem ser entendidos em uma perspectiva global. Para isso, utilizamos uma metodologia teórico-empírica que fundamenta o aterramento conceitual com a literatura acadêmica e entrevistas focadas no sujeito com as quais interajo diretamente como parte do universo das pessoas entrevistadas.

Palavras-chave: experiências migratórias; subjetividades; perspectivas do Sul Global.

Galician immigration in Salvador: unfolding subjectivities

Abstract: This article analyzes the interaction of the conceptual triad, coloniality, ethnicity, and white privilege, as means to exam migration experiences through the perspective of the Global South. Migration flows between the Global North and Global South are represented by the migratory phenomenon of Galicians to Salvador, Brazil, during part of Franco's dictatorship, and the migration of their descendants to Spain. We analyze the way in which these three concepts interact with one another, move, and interpret bodies, subjectivities, and spaces in the upward socioeconomic mobility of Galician immigrants in Salvador and the experiences of their descendants who returned to Spain. The study seeks, through its inputs, to contribute to the critical production on migratory practices and experiences through the migrant gaze on their own experience. It recognizes the relevance of subjectivities for a deeper understanding of inequalities in relations both between countries and within their societies, exploring how locally situated phenomena can be understood in a global perspective. To do so, we use a theoretical-empirical methodology that situates the conceptual triad firmly within academic literature while drawing from subject-focused interviews with which the author interacts directly as part of the universe of the people interviewed.

Keywords: migratory experiences; subjectivities; perspectives from the Global South

Inmigración Gallega en Salvador: despliegue de subjetividades

Resumen: Este trabajo analiza la interacción de los componentes de la tríada conceptual, colonialidad, etnicidad y blanquitud, como elementos para el análisis de las prácticas migrantes a partir del Sur Global. Las experiencias migratorias entre el Norte y Sur Global son representadas por el fenómeno inmigratorio de gallegos a Salvador, Brasil durante el periodo de la dictadura franquista y desarrollos a través de sus descendientes al vivir en España. Analizamos las maneras como las tres conceptualizaciones dialogan entre ellas, se mueven e interpretan cuerpos, subjetividades y espacios migrantes en el proceso de ascensión socioeconómica de inmigrantes gallegos en Salvador y a través de la inmigración de regreso de sus descendientes. Buscamos con los insumos contribuir para una producción crítica de prácticas y experiencias migratorias centrada en la visión migrante sobre su propia experiencia. Se reconoce la gran relevancia de las subjetividades para una comprensión más profunda sobre las desigualdades en las relaciones entre los países, en sus sociedades. Además, como fenómenos locales pueden ser comprendidos desde una perspectiva global. Utilizamos una metodología teórico-empírica que basa la fundamentación conceptual propuesta en la literatura académica y entrevistas centradas en sujetos con los que la autora interactúa directamente como parte de este universo.

Palabras-clave: experiencias migratorias; subjetividades; perspectivas desde el Sur Global.

Recebido em: 07-07-2023
Aceito em: 15-01-2024



INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a relação entre colonialidade, etnicidade e branquitude na imigração galega para Salvador, Bahia, situada no segundo fluxo da imigração galega ocorrida entre 1940 e 1950, portanto, durante parte da ditadura franquista no Estado espanhol (1939-1976). O estudo, de caráter teórico-empírico também tem como objeto o desdobramento através de descendentes ao se deslocarem para a Espanha¹.

Neste período, a Galícia era uma região devastada pela pobreza, falta de oportunidades, discriminada pela sociedade espanhola e desassistida pelo Estado. Os imigrantes, homens jovens em sua grande maioria², chegaram à capital baiana majoritariamente através de contatos com galegos que haviam participado no primeiro fluxo migratório (1870-1930). Muitos se estabeleceram e constituíram família em uma cidade pujante que buscava se alinhar ao apelo nacional desenvolvimentista e acolhimento a imigrantes europeus³. Outros retornaram por escolha ou por haver fracassado na tentativa de ascender socioeconomicamente. O estudo escolheu fincar análise no processo do primeiro grupo que se consolidou enquanto parte constitutiva do universo soteropolitano.

O exemplo dos imigrantes europeus no Brasil em geral, e dos galegos na Bahia em particular, assim como no deslocamento de descendentes, é um desenho de como a Europa se transformou e se autorreproduziu na América Latina enquanto identidade geopolítica do mundo moderno. Neste sentido, percebemos como os sujeitos do Sul e do Norte Global, ainda que de uma mesma origem, constroem e são construídos por distintas leituras simbólicas sobre seus corpos⁴ e suas experiências migratórias. Ademais, compreendemos que as

-
- 1 O presente artigo tem por base a dissertação de mestrado intitulada "Imigração galega em Salvador e desdobramentos através de seus descendentes: diálogos entre colonialidade, etnicidade e branquitude," dentro do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
 - 2 Pelo fato de que homens jovens compunham quase a totalidade de imigrantes galegos, o termo será utilizado no masculino ao longo do texto.
 - 3 Ainda que se tratasse de uma cidade pujante à época, salienta-se a composição de sua população era o oposto do ideário de tal apelo nacional sendo composta majoritariamente por pessoas escravizadas recém libertas e descendentes de pessoas que haviam sido escravizadas.
 - 4 O conceito de biopoder, elaborado por Michel Foucault, aborda as formas como o corpo humano possui uma dimensão ou composição política que informa sobre a sua representação simbólica nas relações assimétricas dentro das sociedades – enquanto dispositivo (de poder) disciplinar que opera por meio do controle e da representação de sua força produtiva dentro das instituições. O biopoder rege também a biopolítica com o controle das populações ou massas através da produção de conhecimento, saberes e práticas. Segundo Foucault, a assunção da vida pelo poder refere-se a "uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico" (FOUCAULT, 2005, p. 286). Sueli Carneiro (2003) aplica o conceito de dispositivo de Foucault (o qual segundo o autor está sempre atrelado ao poder) para lançar luz à dinâmica das relações raciais no Brasil, procurando "mostrar a existência de um dispositivo de racialidade operando na sociedade brasileira de tal modo que pela articulação de múltiplos elementos, configura a racialidade como um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades. Pode-se dizer que o dispositivo da racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de outro modo, a superioridade do Eu

práticas migratórias são percebidas de forma desigual dentro e fora das fronteiras nacionais, Brasil e Espanha.⁵

A colonialidade do poder, conceito elaborado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000b, p. 910, tradução nossa), é “baseada na imposição da ideia de raça como instrumento de dominação e foi sempre um fator limitante dos processos de construção do Estado-nação baseados no modelo eurocêntrico”. Tal conceito é fundamental para compreender como as relações de poder e as subjetividades decorrentes delas são reconfiguradas e pertencentes a fenômenos internacionais localmente situados, além de dinâmicos, tal como o caso do deslocamento de imigrantes europeus empobrecidos. O estudo agrega ao fato que essa percepção também se aplica ao deslocamento de descendentes de europeus naturais da América Latina, que também serão sujeitos a processos de discriminação.

Neste sentido, torna-se relevante realizar uma análise sobre as migrações históricas do período pós-colonial de europeus para a América Latina, como é o caso da imigração galega para Salvador, para situá-las comparativamente às migrações contemporâneas de pessoas latino-americanas para a Europa

Assim como a colonialidade, o conceito de etnicidade que se utiliza no presente artigo é tomado como um marcador de discriminação tendo como base a abordagem dos estudos culturais de Stuart Hall. Se por um lado a atribuição biológica à raça promove o discurso sobre diferença “natural” e lugar do “outro,” a sua variante, a diferença cultural, inscrita no conceito de etnicidade de distintas formas, também a move para outras esferas do antagonismo promovido pela forma de como e onde o poder-conhecimento-diferença opera (HALL, 2017).

A etnicidade referencia áreas distintas da diferença através do compartilhamento de línguas, tradições, crenças religiosas, ideias culturais e rituais de um grupo em particular – uma tecitura que ocorre por meio de relações tensas entre a ideia de raça e nação (HALL, 2017). A raça tende a unificar etnias e, junto com outras etnias minoritárias, se constroe dentro do que Hall (2017) denomina “espetáculo da etnicidade”, sobretudo nas grandes ondas migratórias desde o século passado. Este espetáculo das raças é relevante para compreender a hierarquização da etnicidade nas experiências migratórias de galegos entre as fronteiras europeias

hegemônico branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, o negro” (CARNEIRO, 2023, p. 13).

- 5 A literatura galega (BARCELAR, 1994; BRAGA, 1995; CALVO-GONZALEZ, 2019) e o estudo empírico da investigação indicam como no decorrer do tempo os imigrantes, que ao chegarem habitavam partes empobrecidas de Salvador, se deslocam para os bairros mais nobres da cidade. Ao passo que as entrevistas também revelam que ao voltarem para a Espanha, sejam aqueles que não obtiveram sucesso ou aqueles que conseguiram êxito, a ocupação do espaço permanece inalterada na Galicia. Ainda que os que permaneceram em Salvador extravasem em demonstrações de posse econômica, apresentando-se como bem-sucedidos no Brasil, eram tratados como quase estrangeiros por terem abandonado a terra natal. No caso da experiência de descendentes de imigrantes galegos, a questão do deslocamento espacial permanece inalterada e são lidos como brasileiros, sul-americanos, jamais como espanhóis. Eram vistos como espanhóis somente em interações com espanhóis e outros sul-americano que não possuíam ascendência espanhola.

e suas primeiras décadas em Salvador, assim como a experiência de seus descendentes na Espanha. Entretanto, veremos que na capital baiana a galeguidade ao longo do tempo passa a se apresentar de forma fluida, operando entre a invisibilidade e a demarcação à medida que a branquitude prevalece.

Desta forma, as práticas migratórias do presente estudo mobilizam também o conceito de branquitude, entendido dentro da perspectiva do “lugar confortável onde o sujeito branco vê os outros e a si mesmo; uma posição de poder não nomeada; vivenciada como um lugar de conforto em uma geografia social de raça e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo” (FRANKENBERG, 1995 *apud* PIZA, 2002, p. 71).

Se, por um lado, os fundamentos da colonialidade traçam os parâmetros para a forma como os processos de dominação se estabeleceram no mundo a partir da colonização europeia, os estudos sobre a branquitude apontam para uma análise de como o fenômeno da imigração galega em Salvador pode ser entendido como um elemento fundamental para o deslocamento da etnicidade associado à colonialidade do poder. A partir da análise bibliográfica dos estudos galegos em Salvador nos distintos momentos do processo migratório, como também através da experiência própria de crescer em Salvador com ascendência galega, percebe-se como os conceitos se retroalimentam. Sendo assim, é possível observar por meios das experiências e contextos analisados como se desenvolvem diálogos entre branquitude e colonialidade; entre colonialidade e etnicidade; e entre etnicidade e branquitude.

Os deslocamentos humanos, através das diferentes formas de migração, constituem um meio relevante para compreender aspectos das culturas de origem e sociedades receptoras. As migrações galegas (dentro da Espanha, na Europa e para América do Sul) oferecem insumos para esse debate, no sentido de como os galegos foram historicamente percebidos de maneira desqualificada na Espanha e em outros países da Europa, como Suíça, França e Inglaterra, por exemplo. Entretanto, o caso de Salvador parece revelar que, em países da América Latina, esses imigrantes com o tempo possam ter alcançado um patamar socioeconômico mais elevado e/ou deixado marcos simbólicos culturais, institucionais ou econômicos importantes nestas sociedades⁶.

Os eixos norteadores – etnicidade, colonialidade e branquitude – para a análise do fenômeno estudado são discutidos a partir da ascensão socioeconômica de migrantes galegos em Salvador, a qual possibilitou a eles/as oferecerem aos seus/suas filhos/as oportunidades edu-

6 Neste sentido, é importante ressaltar a enorme contribuição do Contrato Racial, no qual Charles Mills fundamenta que a ideia da construção política do mundo moderno sob a égide da democracia e liberalismo estruturou-se e se sustenta no privilégio racial de políticos que representam a supremacia branca. Em suas palavras, “a supremacia branca é um sistema político não nomeado que fez do mundo moderno o que ele é hoje” (MILLS, 1997, p. 1). Em um país, e cidade, majoritariamente negro/a, o contrato racial lança luz a como em um sistema político que beneficia pessoas brancas, imigrantes europeus empobrecidos, como é o caso dos galegos, conseguiram alçar, em sua maioria, uma ascensão socioeconômica.

cativas melhores do que as que lhes foram ofertadas, inclusive a opção de residir na Espanha em algum momento de suas vidas.

A relevância da análise desses dois eixos migratórios encontra-se na forma como o arcabouço conceitual enquanto marcadores de discriminação. Sendo assim, compreende-se como os aspectos socioeconômicos e simbólicos nas esferas domésticas e internacionais repercutem na leitura e complexificação das múltiplas camadas de experiências migratórias. Ademais, atingem múltiplos aspectos da vida do indivíduo fortemente regidos pelo significado que atravessa a leitura do corpo, tempo e espaço.

O caminho percorrido para a construção argumentativa perpassa por uma contextualização geral dos locais de origem e destino do histórico fenômeno migratório espanhol para o Brasil, representado pela Galícia e Bahia (Salvador), inseridos na grande relevância das políticas migratórias dos dois países à época.

A partir disso, a abordagem teórico-empírica e sua aplicação às experiências migratórias revelam como a etnicização e racialização da branquira repercutem na interpretação e experiências dos corpos migrantes. O trabalho empírico foi extraído da análise das entrevistas realizadas a cinco descendentes de primeira geração de imigrantes galegos, nascidos em Salvador e que viveram por ao menos um ano na Espanha. Enquanto autora, estou inserida enquanto sujeito desta amostra participando através de relatos autobiográficos que dialogam com o que foi revelado pelas entrevistas.

Ao investigar como as abordagens teórico-conceituais dialogam empiricamente através das entrevistas destes/destas seis descendentes de espanhóis, percebemos que as narrativas extrapolam o pessoal, ainda que sejam focadas na realidade subjetiva dos indivíduos. Em seu conjunto, revelam aspectos de como os sujeitos interpretam os seus antepassados e experenciam a sua galeguidade e brasilidade no Brasil e na Espanha.

GALICIA E BAHIA: O ENCONTRO DE POVOS HISTORICAMENTE SUBALTERNIZADOS

- O mar já me levou três filhos.
-Se afogaram?
-Não, foram para as Américas
(BACELAR, 1994, tradução nossa).

Situada no noroeste da Espanha, a região da Galícia corresponde a uma minoria étnica historicamente subalternizada dentro dos limites nacionais e continentais. Trata-se de de uma das 17 comunidades autônomas da Espanha, conforme rege a constituição de 1978, que



garante a autonomia das nacionalidades e regiões que compõem o Estado espanhol. É formada por quatro províncias, Lugo, Corunha, Ourense e Pontevedra, e sua capital é Santiago de Compostela. Ainda que o castelhano ou espanhol seja o idioma oficial da Espanha, o galego é um dos outros quatro idiomas falados nas comunidades autônomas, assim como o catalão, o valenciano e o eusquera.

A partir do final dos tempos medievais, os galegos viveram vários processos de atrasos econômicos e empobrecimento de sua população – a peste, seguida pela guerra, atingem as bases econômicas da Galícia empobrecendo fortemente os camponeses. “A Galícia sofre com mais força uma crise que é de toda a Espanha, senão mesmo de toda a Europa, e se prepara para o início da Idade Moderna e o fim do feudalismo” (BRAGA, 1995, p. 47). Se na época medieval, a Galícia experenciou seu tempo áureo, a partir de então, entrando em grande parte do século 20, a escassez e pobreza fizeram parte da história da região (BRAGA, 1995).

A emigração galega é, portanto, um fenômeno que data dos tempos medievais devido a uma histórica estagnação econômica dessa região que se traduziu por séculos como uma forma de sobrevivência. Catástrofes naturais também causaram a retirada de muitos. De toda sorte, não havia suporte por parte do governo espanhol para minimizar as condições de pobreza dessa região. Uma população historicamente formada por camponeses utilizava formas precárias de sobrevivência e vivia em sua grande maioria subordinada donos de terra (ALBAN, 1983).

O Brasil recebe o maior fluxo de espanhóis entre 1882 e 1930, chegando a 567.176 indivíduos, especialmente galegos (que se concentraram em áreas urbanas, sobretudo no Rio de Janeiro, Salvador e Belém e andaluzes no interior de São Paulo (MARTINEZ, 1999, p. 241). O fluxo migratório espanhol⁷ entre a década de 1946 e 1963, ainda que bastante reduzido em comparação ao período do final e início do século, demonstra uma nova crescente onda imigratória no país, sobretudo na primeira metade dos anos 1950, graças a subsídios de transporte oferecidos pelo governo central e alguns estados da federação. Isso ocorre após uma grande redução no período da década de 1930 e a instauração do Estado Novo com o regime centralizado, autoritário e nacionalista de Getúlio Vargas (KLEIN, 1994)⁸.

7 A emigração galega representou 39% de toda a emigração espanhola entre 1946 e 1960, sendo o Brasil o terceiro principal destino, correspondendo a 20% do número de galegos que deixaram a Espanha. Pontevedra e La Coruña foram as duas províncias espanholas de maior emigração na década de 50. (PERES, 2002, p. 35).

8 A partir de 1881 o Brasil já era depois dos Estados Unidos, Canadá e Argentina, a maior nação receptora de imigrantes europeus. “Embora dez milhões de africanos e possivelmente cerca de quinze milhões de europeus houvessem cruzado o Atlântico antes de 1880, a penúltima década do século XIX assinalou um ponto decisivo no fluxo migratório da Europa” (KLEIN, 1999, p. 23). Isso se deve à economia do continente americano e suas condições de emprego que favoreciam a aumento da oferta de viagens marítimas e o fluxo europeu com todas as nações da região.

Entre 1881 e 1915 cerca de 31 milhões de pessoas empobrecidas do sul e leste europeu migraram para as Américas, diferente do período anterior a 1880 quando a maioria dos imigrantes eram do norte do continente (KLEIN, 1999, p. 24).

Grande parte dessa migração era a tradicional, composta em sua maioria de jovens adultos do sexo masculino⁹ em busca de emprego temporário ou permanente na país de recepção. “**Fazer a América**” [aspas do autor, negrito nosso] era o lema de quase todos os imigrantes que cruzavam o Atlântico. Para eles, a prosperidade básica consistia em acumular poupanças com as quais esperavam desfrutar de uma vida melhor em seus países de origem (KLEIN, 1999, p. 24).

Mesmo no período imperial já havia políticas imigratórias para atrair europeus para subsequentemente melhorar o processo civilizatório do país diante da enorme presença de negros. “No início da República já era sabido que os europeus latinos e católicos¹⁰ tinham mais aderência à premissa ideológica que sustentou essa política: o embranquecimento da população brasileira” (SANTOS, 2022, p.191).

Samira Frazão ressalta a realidade que no Brasil, “a política migratória privilegiava questões econômicas e eugênicas, além de visar a construção de uma nação nos padrões que os governantes e a elite desejavam”, (FRAZÃO, 2017, p. 1109) evidenciando as várias leis e decretos desde 1824 que flagram múltiplas discriminações tais como racismo, classismo, etarismo, capacitismo, machismo, aporofobia. Portanto, o processo de construção da preferência pelo imigrante desejado europeu, jovem e do sexo masculino fora desde então plasmada nas esferas política, jurídica e social. Vale ressaltar a existente conexão desta construção de políticas de embranquecimento¹¹ e imaginário social do ideal civilizatório europeu.

9 Klein (1999) acrescenta que “no Brasil essa mão de obra concentrou-se em lavouras de café antes trabalhadas por escravos negros que agora tiveram esses imigrantes – italianos, portugueses e espanhóis em sua maioria – subsidiados com seus grupos familiares” (p.25).

10 A autora reitera que se tratava de italianos, portugueses e espanhóis que durante os primeiros 40 anos da república representaram o maior contingente de imigrantes no país, período quando foi proibida a entrada de africanos e de imigrantes de alguns países asiáticos.

11 O projeto de embranquecimento do Brasil foi historicamente além das políticas públicas, estabelecendo bases em vários aspectos da sociedade, sendo uma delas a produção do conhecimento, produzindo assim bases científicas para a questão. Carone (2002) situa o racismo científico brasileiro pós-abolicionista, no qual impera o projeto de embranquecimento da população, em três fases principais: 1) a elite médica (inclusive o médico e antropólogo Nina Rodrigues) e jurídica esteve dividida entre condenar a miscigenação, devido à defesa de que isso comprometeria o potencial civilizatório do povo brasileiro. O outro aspecto dessa fase é adaptar a questão racial à realidade do país, mediante o incentivo da miscigenação para o embranquecimento da população como forma de superação da inferioridade racial dos não-brancos; 2) positivistas brasileiros defendiam que os brancos tinham maior desenvolvimento evolutivo e desempenhavam o papel de “civilizar, tutelar ou absorver as raças com desenvolvimento num estágio inferior”; 3) o pensamento liberal, apoiador incondicional do crescimento industrial, incentivou a imigração de mão de obra europeia como maneira de lograr um maior desenvolvimento econômico, por considerá-la superior e como uma forma de embranquecer a população (CARONE, 2002, p. 16)..

A partir de 1930 houve uma preocupação em limitar a entrada de imigrantes, bem como limitar os direitos daqueles já radicados no país (BRAGA, 1995). Ainda assim, a preferência pela imigração europeia no Brasil volta a ser fortalecida e está estabelecida no artigo segundo do decreto de 1945, o qual rege que:

Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia, assim como a defesa do trabalhador nacional (FRAZÃO, 2017, p. 1113).

O estímulo à imigração deu-se como um projeto de embranquecimento da nação, respaldado por políticas de incentivo, inclusive programas governamentais que pagavam os imigrantes pelas despesas de viagem, sobretudo para as plantações de café do sudeste do país. Havia, entretanto, grupos, como no caso dos galegos, que se valiam de redes de contato, sobretudo da família, para arriscarem a sorte além-mar (CALVO-GONZALEZ, 2019)¹².

Neste contexto sobrecarregado de políticas de embranquecimento da população, fruto de ideais eugênicas que dominaram o Brasil desde os tempos do império, e de um posicionamento diante do mundo como o país promissor, é que Salvador, cidade berço da negritude no país, sofre um impacto com a chegada de imigrantes europeus. E com o espírito de trabalhar para sair das condições de pobreza que viviam na Espanha e “construir o futuro da nação,” em resposta à propaganda feita pelo governo central que éramos o “país do futuro,” é que os galegos chegam a Salvador.

Durante as décadas de 1940 a 1960 a população mais que duplicou, passando de 290.000 para 700.000 habitantes (atingindo 417.000 em 1950), período “quando a administração pública do Estado e a descoberta e subsequente exploração do petróleo aparecem como focos de importância local” (BRAGA, 1995, p.71).

A importância assumida pela força da agricultura cacaueteira para a Bahia entre décadas de 1940 e 1950, apesar de ter seu centro no porto de Ilhéus, trouxe consequências diretas para a economia soteropolitana. Entre elas, duas merecem destaque: o alojamento da indústria primária na cidade e os negócios bancários - incluindo operações de câmbio e crédito comercial e agrícola - tornando Salvador a capital financeira para o setor cacaueteiro. Neste período, dentre o excedente demográfico de 126.792 pessoas, dois terços provinham do interior do estado (SAN-

12 O governo federal buscava apresentar o Brasil de muitas oportunidades e se projeta ao mundo, sobretudo europeu, com a sua grandiosidade territorial metaforizada na prospecção de um futuro melhor para uma Europa pós-guerra arrasada e sem perspectiva. A materialização dessa promessa estaria na combinação de sua natureza esplendorosa, industrialização, abertura para o capital estrangeiro e população em processo de branqueamento pela mestiçagem. Assim, o país seleciona aqueles que considerava imigrantes desejáveis para o projeto de embranquecimento da nação. “O vigoroso crescimento demográfico do Brasil deve construir um feito altamente promissor para o porvir de uma raça branca” (PERES, 2002, p. 60, tradução nossa).

TOS, 2008). Essas pessoas enfrentaram o desemprego em vista da escassez e dificuldades nos setores secundário e terciário. Enquanto as classes eram formadas por profissionais liberais e, ocupados em atividades sociais, pequenos e médios comerciantes e agricultores (SANTOS, 2008)

O crescimento populacional e urbanização da cidade ocorreu de forma desajustada, seguindo uma lógica própria da segregação social alinhada com a especulação imobiliária que garantia os espaços vazios da cidade para negociá-los quando os terrenos estivessem mais valorizados e progressivamente deslocava as camadas mais pobres da sociedade das localidades urbanas mais importantes. Essas camadas empobrecidas “vão se deslocando e procurando se fixar na periferia da cidade (ou ocupar os vales não drenados, as encostas consideradas como inseguras), em pontos estratégicos que lhes permitissem afluir para o centro, para o desempenho de suas atividades de trabalho.” (BRAGA, 1995, p. 72).

As duas camadas, rica e pobre, da população soteropolitana mantinha uma relação de domínio da primeira e subalternização da segunda. Eram vizinhos separados por bairros para ricos e bairros para pobres – uns prestavam e outros recebiam serviços.

Importante ressaltar que a dita camada pobre era, e continua sendo constituída em sua quase totalidade de pessoas negras e a camada rica era, e continua sendo, quase inteiramente composta por pessoas brancas. Portanto, a segregação social sempre foi, e continua, pautada por uma questão racial. Em sua chegada e ao longo dos anos, imigrantes galegos, em sua grande maioria oriundos da província de Pontevedra, se inserem nessa dinâmica racial.

APLICANDO UMA ABORDAGEM TEÓRICO-EMPÍRICA ÀS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS

Os deslocamentos humanos, através das diferentes formas e fluxos de migração, constituem um meio relevante para compreender aspectos das culturas de origem e das sociedades receptoras. Mercer (2017) aponta a importância das migrações na análise do “Fatídico Triângulo: Raça, Etnia, Nação”, servindo como um alicerce para o chauvinismo étnico, nacionalismos, fundamentalismos e limites simbólicos ao pertencimento em um grupo. As migrações galegas (dentro da Espanha, na Europa e para América do Sul) oferecem insumos para esse debate, sendo que no escopo do presente trabalho focaremos no fenômeno histórico específico da imigração galega na cidade de Salvador e no estudo empírico sobre o deslocamento de seus descendentes para a Espanha. Assim como a migração chama por movimento, verificamos através destas duas experiências migratórias como os conceitos e abordagens teóricas não se instalam de maneira unidimensional e são ressignificados e transformados nos espaços físico e temporal.

Ao estabelecer as bases teóricas, busca-se analisar as formas como os elementos da tríade conceitual, colonialidade, etnicidade e branquitude, se caracterizam e se relacionam entre si. Esse movimento partir demarca por meio da literatura e do estudo empírico, algumas inter-



pretações possíveis de marcadores de discriminação atuantes a partir de (re)configurações que tornam possível analisar de maneira crítica a ascensão socioeconômica de imigrantes galegos e o deslocamento de descendentes desses imigrantes para o país de origem de sua ancestralidade.. Verifica-se a leitura de subjetividades a partir da movimentação dos corpos migrantes.

A ABORDAGEM TEÓRICA: RELAÇÕES DINÂMICAS ENTRE COLONIALIDADE, ETNICIDADE E BRANQUITUDE

Os conceitos trabalhados servem de fundamento para a análise do conteúdo empírico, tanto na escuta quanto em minha própria experiência enquanto sujeito e objeto da pesquisa. O eixo central deste componente é sustentado pela análise dos processos de etnicização e racialização da brancura em movimentos que frequentemente mostram-se invisíveis à comunidade galega e a seus descendentes, e sempre indissociáveis da colonialidade, da etnicidade e da branquitude. A subjetividade galega permeia o universo da subjetividade de seus descendentes como parte estruturante dela, analisada em seu local de nascimento e redimensionada no país de origem de sua ancestralidade.

Quijano (2000a) define os quatro principais elementos da colonialidade: a racialização das relações entre colonizadores e colonizados; a hegemonia do capital e a exploração do trabalho; o eurocentrismo como modo de produção e controle da subjetividade, imaginário, conhecimento e memória; e o Estado-nação como estabelecimento de controle das populações racializadas. O autor descreve o processo de racialização entre colonizados e não colonizados, ou seja, de europeus e não-europeus, como equivalente ao do eu europeu – auto-racializado e autodefinido e de onde sempre parte a existência e definição do outro – e o outro, não-europeu, cuja racialização é inventada e imposta. Desta forma, a Europa cria as categorias inferiorizadas de negros e indígenas.

O Estado-nação é, portanto, um espaço de dominação, fundamentado entre exploração e discriminação, um promotor histórico de elementos universais do padrão de exploração e dominação (QUIJANO, 2000c). Sendo assim, “a identidade nacional, comum aos habitantes de tal espaço de dominação, se constituem enquanto elementos fundantes do Estado-nação [...] Toda nação é filha do poder ainda que ele se expresse em seus habitantes como uma identidade (QUIJANO, 2000c, p. 617, tradução nossa)¹³.

13 Vimos como a vinda de europeus em geral, e no caso dos galegos em particular, foi estimulada pelo Estado brasileiro. No caso da Espanha, verifica-se como o povo galego não recebeu amparo do Estado espanhol, o qual fomentou a vinda de emigrantes empobrecidos da Galícia para as Américas. Nota-se, portanto, um expurgo de parte de uma população que não correspondia ao ideal do Estado-nação ou à uma suposta “identidade nacional” conforme defendida por Aníbal Quijano..

Os países latino-americanos, ao desprender-se das colônias ibéricas, constituem sociedades com uma esmagadora maioria de populações negras e indígenas (com exceção da Argentina, Chile e Uruguai), impedidas de participação em sua formação e governabilidade, frente a uma reduzida minoria de povos de origem europeia que assume o processo de controle estatal. Ou seja, aqui, a “nação” dos novos Estados era constituída por europeus que se instalaram e depois vieram a se chamar brasileiros, peruanos etc.

Desta forma, a concepção hegemônica da nacionalidade desses Estados não teve nenhuma semelhança ou ressonância com as populações colonizadas de indígenas e negros (QUIJANO, 2000a).

Em ambas as dimensões fundamentais, o novo Estado independente nesta América (Latina) não emergia como um moderno Estado-Nação: não era nacional em relação à imensa maioria da população e não era democrático, não estava fundando em, nem representava, nenhuma efetiva cidadania majoritária. Era uma velada expressão da colonialidade do poder (QUIJANO, 2000a, p. 714, tradução nossa).

Nesse percurso, no qual a América assume o protagonismo para a viabilidade do sistema-mundo capitalista, a colonialidade imprime sua base através das relações desiguais entre os Estados. Tais relações serão definidas da seguinte maneira:

Pela autoridade colonial; etnicidade, com a criação de categorias étnicas até então inexistentes que acabaram se convertendo na matriz cultural de todo o sistema mundial (“índio”, “negro”, “branco”, conforme o eixo anterior); racismo, como invenção colonial para organizar a exploração no sistema-mundo moderno; e o próprio conceito de novidade. Por outro lado, as independências não desfizeram a colonialidade, que permaneceu e se reproduziu como padrão para as formas de exploração do trabalho, configuração das hierarquias sociais, administração política por parte dos agora estados republicanos nacionais, e para a subjetividade (SEGATO, 2021, p.66, ênfase no original).

Desta forma, essa “autoridade colonial” posiciona a americanidade como o sustentáculo ideológico para o sistema mundial moderno através de uma heterogeneidade formada pelas categorias étnicas que fundamenta a existência de crenças e instituições (SEGATO, 2021). Dentro do contexto da pesquisa, parece-nos que as instituições e formas de ver o mundo a partir deste prisma da colonialidade estão inseridas na continuidade dos deslocamentos de europeus para a América Latina, sob o ideal de Estado-nação em ambos os lados do Atlântico. No caso brasileiro, a tutela de políticas historicamente respaldaram essas migrações sob a justificativa de uma suposta necessidade de “qualificação de mão de obra e miscigenação,” visando o embranquecimento da população. No caso espanhol, houve por parte do Estado, a

negligência com populações empobrecidas, como é o caso da Galícia, simbolizada através de emigrantes galegos. Já no caso de migrantes descendentes de galegos, ainda que o Estado espanhol lhes assegure a cidadania, as suas subjetividades, brasileira e espanhola, são problematizadas, como visto pelas atitudes discriminatórias relatadas nas entrevistas.

Os processos imigratórios são fundamentais para analisar as (re)configurações da relação entre raça e etnia. Hall (2017) propõe que o encontro europeu com o Novo Mundo e África marca a característica ambivalente e hierarquizante da modernidade na qual a cultura e o fenótipo se unem aos desejos econômicos e à exploração para produzir o africano como o alicerce do significativo negativo através de diferenças. Assim, as diferenças físicas mensuráveis (raça) se articulam a outras menos mensuráveis (etnicidade, religião e nacionalidade). Essas três se confundem entre si, por vezes unindo-se, outras vezes aparentam formar uma fusão, ou apresentam-se como elementos independentes. É por essa inexistência que se sustenta o que Hall qualifica de “fatídico triângulo: raça, etnicidade e nação”. Trata-se de uma cadeia letal de equivalentes onde as diferenças são marcadas para denotar uma ordem de importância. Os grupos sociais na construção de uma ideia de autolibertação acabam por transformar as categorias em uma espécie de competição de orgulho racial e étnico.

Através das migrações em massa, causadas processo acelerado de globalização, crescimento da tecnologia e aumento dos fundamentalismos, as divisórias raciais, étnicas e nacionais ficam mais acirradas. Na desordem de identidades através dos fluxos migratórios, observa-se uma mistura de raça, etnicidade e nacionalidade para manter as diferenças. O fatídico triângulo configura-se, desta forma, em um dilema através de uma espécie de cegueira que, no intuito de demarcar diferenças que fortaleçam os grupos, captura-se um obscurantismo de que há fronteiras puras que separam grupos que viveram processos históricos de opressão. Isso perpetua o pensamento e reforça a noção de diferenças culturais. Desta forma, percebe-se como etnicidade possui uma relação problemática e mal resolvida com raça e nação como contraponto que desestabiliza a relação entre os três (HALL, 2017).

A problematização das origens e deslocamentos de conceitos e seus elementos constitutivos, instrumentaliza os estudos decoloniais e os estudos culturais a oferecer alguns insumos sobre percursos por onde a colonialidade atravessa processos migratórios de europeus para a América Latina e vice-versa, informando sobre as marcas duradouras dos processos de racialização e etnicização¹⁴.

14 Vemos através dos descendentes de galegos como a branquitude informa as relações entre colonialidade e etnicidade através de diferentes processos de hierarquização da brancura.

Os aspectos de raça são fundamentais para as abordagens sobre a branquitude. Neste sentido, convém ressaltar a raça não como uma realidade delimitada, mas marcada por processos e práticas visíveis ao longo da história – portanto, como construto social, a raça não é permanente e sim mutável. Entretanto, a identidade racial branca tem sido historicamente invisibilizada, dada como natural, o que normaliza a manutenção de privilégios (FRANKENBERG, 2001).

Se por um lado a modernidade, através da colonialidade, racializa os não-brancos, os estudos sobre a branquitude buscam apontar para a importância da racialização do sujeito branco, como meio de eliminar a invisibilidade da cor da sua pele, a brancura (BENTO, 2005; OLIVEIRA, 2007; SOVIK, 2009). Piza (2012) aponta para a intensa associação de alguns traços fenotípicos a negativos aspectos morais e sociais e total neutralidade para outros.

A neutralidade do branco é dada como natural, já que é o modelo da paradigmático de aparência e condição humana. Quanto isso interfere nos processos cognitivos de brancos sobre a sua identidade racial, e, por consequência nas relações raciais? (PIZA, 2012, p. 72).

Estudos empíricos que trazem de alguma forma a temática para o olhar e a atenção de pessoas brancas, revelam aspectos da branquitude sob ângulos distintos. Para Schucman (2012, p. 24), “tanto a visibilidade quanto a invisibilidade aparecem em momentos em que os sujeitos adquirem privilégios por serem brancos” (SCHUCMAN, p. 24, 2012). Para Oliveira (2007),

investigar o funcionamento e manutenção sistemáticos do racismo e partir da fala do branco sobre ele mesmo e sobre o outro é estar indo em direção ao esclarecimento do porquê do silêncio em torno dos privilégios da brancura. Estando ela tão claramente marcada, é preciso torná-la bem visível e colocar que as identidades raciais também são brancas (OLIVEIRA, 2007, p.35).

Segundo Carneiro, a imigração europeia está inserida na constituição dos poderes no Brasil, na forma como se produziu a estrutura do poder sobretudo a partir da educação. Seu argumento passa pela justificativa da elite de que os negros, apesar de demonstrar competência nas artes e ciências, possuíam uma “crônica insuficiência civilizatória.” Em contrapartida, cabia aos imigrantes europeus essa missão civilizatória do país. Para isso era necessário estabelecer as condições para que os imigrantes pudessem ser escolarizados no novo país e em seu novo idioma. “A adoção da língua portuguesa como obrigatória é o instrumento escolhido para esse fim. Entendemos que houve uma dupla estratégia: de nacionalização do imigrante e desnacionalização do negro” (CARNEIRO, 2023, p. 105).

Carneiro (2023) propõe, desta forma, uma ideia global de raça a partir do Brasil, demonstrando como a racialidade é um dispositivo de poder que atravessa a biopolítica, que deter-

mina que aquilo que constitui a história são os elementos atrelados ao poder e que decide os corpos que vivem e aqueles que morem. Desta forma a supremacia branca, enquanto esquema político não-nomeado, é reveladora de um Contrato Racial, enquanto a branquitude apresenta-se como tipo de racismo que aparece sem raça.

A ABORDAGEM EMPÍRICA: A CENTRALIDADE NO SUJEITO

Inspirada em “Memórias da Plantação”, a metodologia do estudo empírico é moldurada a partir das afinidades com o arcabouço teórico utilizado, características principais e métodos de entrevistas utilizado por Grada Kilomba (2019). Enquanto pesquisadora, posicione-me como mulher branca de ascendência galega e brasileira. Desta forma, assim como Kilomba, possuo o pertencimento aos critérios adotados diante dos grupos estudados. Em seu estudo, a intelectual e ativista portuguesa enquadra em seu o universo relacional mulheres negras com pessoas brancas, levando ao impacto do racismo no dia a dia. O presente estudo analisou, através dos/as seis descendentes (incluindo a mim mesma) como as posições de subjetividades e corpos podem ser percebidas/os de formas distintas desde a perspectiva das relações nas estruturas das sociedades brasileira e espanhola.

O universo do estudo empírico realizado a partir das entrevistas analisadas considera os seguintes pontos norteadores: 1) a relação de imigrantes e descendentes com a população local, negra e branca, através do olhar e experiência de descendentes; 2) relação dos descendentes de imigrantes galegos com a população espanhola durante o período de residência neste país. Em ambos os deslocamentos, Brasil e Espanha, as análises partem do lugar de pessoas brancas, ainda que hierarquizadas dentro da brancura. Portanto, estão completamente ausentes do lugar vivido através das experiências de racismo sofridas por pessoas negras.

O nosso estudo empírico objetivou investigar como as abordagens teórico-conceituais dialogam empiricamente, através do lugar central que o trabalho ocupou para imigrantes galegos, o que, por sua vez, revela um processo de hierarquização da brancura. As entrevistas realizadas foram realizadas a descendentes da primeira geração de imigrantes espanhóis (filhos/as de mãe e/ou pai galego/a), naturais de Salvador e que residiram por pelo menos um ano na Espanha. Acreditamos que um ano fosse o período minimamente aceitável para absorver os aspectos mais importantes sobre uma cultura local, e assim, perceber as sutilezas nas relações interpessoais em seus variados níveis. É importante lembrar que no caso específico aqui apresentado, a cultura não seria, em princípio, de um todo estrangeira. Pretendeu-se, assim, possibilitar que cada pessoa entrevistada pudesse dialogar com a sua experiência de haver crescido na cidade de Salvador com pai e/ou mãe galego/a e de haver vivido na Espanha, com nacionalidade espanhola reconhecida enquanto filho/a de espanhol/a e, portanto, com o



usufruto de ser cidadã/o daquele país. Enquanto sujeito que atende a estes critérios, promovo reflexões sobre a minha experiência através de diálogo permanente com as declarações obtidas nas entrevistas.

Para a seleção de pessoas a serem entrevistadas, foi realizado um levantamento de contatos com indivíduos vinculados a importantes estabelecimentos fundados, ou que tratam do tema de galegos em Salvador, a saber, a Universidade Federal da Bahia (mais especificamente, o Instituto de Letras, o CELGA e a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais), Caballeros de Santiago, Consulado Espanhol em Salvador e o Clube Recreativo União do Rio Tea. A partir deste mapeamento, apresentou-se um resumo da pesquisa e foram contatadas as pessoas para conversas telefônicas. As pessoas mais interessadas se engajaram e disponibilizaram contatos de possíveis entrevistados/as, facilitando, desse modo, o acesso a várias representações da comunidade galega em Salvador. A seleção foi, portanto, aleatória e eu não conhecia nenhuma das pessoas que foram entrevistadas. O restrito critério de seleção dificultou encontrar uma grande quantidade de possíveis entrevistados/as, e ao final, cinco pessoas aceitaram o convite para contribuir com o estudo, através das entrevistas.

Entre 21 de setembro e 19 de outubro de 2022, foram conduzidas as cinco entrevistas, totalizando 15 horas e meia de escuta. Os dados foram coletados tomando como base um instrumento de entrevista, um guia para as entrevistas às/aos descendentes estruturado em três eixos, pautados pela temporalidade e pela localização: 1) memórias contadas através de relatos de um passado não vivido por descendentes sobre os seus pais e parentes antes de chegarem à Bahia; 2) memórias desde relatos de um passado vivido e não vivido por descendentes sobre os seus pais e parentes ao chegarem e se estabelecerem na Bahia; 3) memórias da experiência de haver vivido na Espanha. Este último, desde a perspectiva da própria vivência da pessoa entrevistada, sem associação aos seus pais e parentes. Por outro lado, cada um desses marcos temporais corresponde, respectivamente, a cada uma das três dimensões de subjetividades analisadas através das entrevistas: a galega na Galícia; a ascendência galega soteropolitana; e por último, a ascendência galega soteropolitana na Espanha.

Em relação ao conteúdo desenhado no guia de entrevista, dividimos cada uma das três partes em duas sessões. Na primeira parte, a pessoa entrevistada discorria livremente sobre o tema, através de provocações genéricas e questões norteadoras que abordavam temas de muita relevância para o estudo referente, bem como, os aspectos importantes dos conceitos norteadores da etnicidade, da colonialidade e da branquitude. Por entender que a abordagem ampla e de livre associação não garante que todas as questões centrais da pesquisa sejam respondidas, sobretudo no tocante a questões raciais, fizemos perguntas específicas para cada uma das três dimensões das entrevistas. As minhas reflexões em relação às provocações feitas são expressas através de relatos de minhas próprias experiências e observações, e em diálogo com a análise dos dados, colhidos a partir das cinco entrevistas.



GALEGOS EM SALVADOR: UMA LEITURA SOBRE A ETNICIZAÇÃO DA BRANCA

Existiu todo o tipo de preconceito contra todos os estrangeiros em todas as nações americanas, mas não era um discriminador tão impressionante quanto o preconceito racial. Mesmo na competição entre trabalhadores não qualificados, os negros livres e emancipados perdiam para os italianos e outros estrangeiros (KLEIN, 1999, p. 30).

A experiência migratória galega para Salvador configura-se em um contexto de extrema exclusão socioeconômica dentro do domínio doméstico entrelaçado com políticas migratórias no Brasil favoráveis e incentivadoras para imigrantes europeus. Neste sentido, de um lado as políticas do Estado espanhol favoreciam que as regiões mais empobrecidas, sobretudo Galícia e Andaluzia, buscassem a via emigratória, por outro as políticas eugenistas do Estado brasileiro faziam um chamado de que essas populações se lançassem na travessia transatlântica para “Fazer a América.”

A Galícia deixada pelos imigrantes que vieram a Salvador foi retratada durante as entrevistas e pela própria autora, em diferentes proporções, como um lugar de pobreza, sendo que algumas pessoas discorreram sobre a miséria, ao passo que outras falaram sobre a pobreza sem condições de miséria. Descreveram sobre escassez, sofrimento e a condição intrínseca da migração nesta região espanhola – todas as famílias conheciam alguém que já haviam migrado para as Américas, sobretudo até a década de 1970. As interpretações feitas sobre os nossos antepassados galegos fomentam imagens de um povo que vivia em um lugar atrasado, com baixíssima escolarização, visto e descrito de forma pejorativa, um povo ingênuo que ao deslocar-se procuravam escapar das mazelas de onde viviam.

Percebemos nas narrativas sobre a Galícia o espelho de um lugar de onde se buscava sair devido ao nível de pobreza e da falta de perspectivas, um lugar atrasado e esquecido e um povo que se via desvalorizado em sua língua e cultura. Neste sentido, o Brasil aparecia como a solução a ser perseguida – muitos estavam se estabelecendo aqui e havia relatos de prosperidade, um horizonte a ser conquistado através da força de trabalho de jovens. Por outro lado, também havia o medo de as pessoas não voltarem, de perderem os seus, figurando dessa forma o Brasil com um mundo exótico.

A dicotomia entre o desejo de abraçar o chamado para novas oportunidades e “fazer a América” e o medo de desbravar um lugar desconhecido, retratado como perigoso e imoral, causou angústia em quem emigrou e em quem ficou. Poderíamos ponderar sobre esse deslumbramento e medo sob a ótica do universalismo europeu trazida por Wallerstein (2007). Ao abordar como os modelos hegemônicos do sistema-mundo atravessam o universalismo europeu, “conjunto de doutrinas e pontos de vista éticos que derivam do contexto europeu



e ambicionam ser valores universais globais” (WALLERSTEIN, p. 60, 2007), o autor pondera sobre como processos de expansão econômica e cultural da modernidade são baseados em valores europeus. Esses valores, ditos civilizatórios, qualificam o não-europeu como diferente e insuficiente, enquanto o único meio para coordenar o desenvolvimento e progresso sociais a serem constituídos nestas sociedades consideradas exóticas e, portanto, menos evoluídas, como o caso do Brasil.

Observamos, entretanto, como esse universalismo europeu fica evidente na maneira como os galegos eram retratados na própria Europa. Conforme observado nos relatos de seus descendentes, eram os outros “internos” a esse universalismo, quiçá sub-europeus.

Ainda que desolados pela condição de pobreza e falta de oportunidades na Galícia e discriminados na própria Espanha, os relatos de descendentes revelam como os galegos levaram consigo para as Américas, em geral, e para Salvador, em particular, uma enorme confiança em sua força de trabalho e vontade de prosperar. Neste sentido, podemos conjecturar como a teia da colonialidade atravessa tanto o desejo de conquista do porvir em um lugar supostamente em vias de desenvolvimento quanto o medo do desconhecido, longe e perigoso. Esse imaginário mostrou-se estruturante para fortalecer e moldar a identidade étnica galega em solo soteropolitano

As condições adversas da Galicia são vistas como um motor para a vivência de processos de resiliência e superação. Segundo interpretações de descendentes, a galeguidade é qualificada sobretudo como trabalhadora, explorada, honesta, traída, orgulhosa e bastante sofrida. A nossa percepção unânime é que imigrantes galegos conquistaram muito espaço no comércio de Salvador, como se todos houvessem ascendido economicamente. Mesmo não sendo este o caso, inclusive dentro das famílias das seis pessoas que participam deste estudo empírico.

Os/as descendentes interpretaram os imigrantes e/ou a galeguidade como possuidores e/ou possuidora de um talento nato para a matemática e para os negócios e que a maioria teria se transformado em empresários ou empreendedores. Ouvimos muito dizer, como mencionou Roberto, um dos entrevistados, ao fazer referência a um tipo específico de comércio: “isso é coisa de galego.” Trata-se de um negócio de família de qualquer tipo dependendo da demanda. Ele seguiu explicando:

... é aquela coisa, quando chove vende guarda-chuva e não sei o quê. Isso é um tipo do negócio galego. São esses pequenos negócios que você tem que estar à frente administrando. Não são negócios que viram empresas, são microempresas familiares que você tem que tá lá no balcão comprando, vendendo, articulando.

As pessoas entrevistadas fizeram referências diretas ou indiretas ao merecimento relacionado às conquistas dos imigrantes. Vistos como heróis e exaltados por um diferencial



de sua cultura, em comparação com a cultura negra local (ainda que não tenha sido dito de maneira explícita). Um enaltecimento ao trabalho duro, algo que lhes seria nato, sobretudo em relação à sua competência para serem comerciantes. A literatura e entrevistas revelam que este era o maior orgulho da comunidade galega – ter impresso tantas marcas na sociedade baiana através do sucesso de muitos dos seus naturais nas mais diversas áreas, como comércio, construção civil, política, serviços, etc.

Tanto a literatura quanto o estudo empírico apresentam um grave silenciamento a respeito da relação entre a questão racial impregnada nos privilégios da branquitude como causa determinante que levou à superação das adversidades no processo imigratório em Salvador e sua conseqüente ascensão socioeconômica. Fica evidente a enaltação de méritos e atribuições positivas reconhecidos na galeguidade, como causa de seu êxito imigratório.

As/os descendentes de imigrantes galegos trouxeram a leitura de como aspectos tais como a formação de associações e clubes e os casamentos majoritariamente dentro da comunidade galega fortaleceram a manutenção da cultura e de vínculos variados, tendo sido fundamentais para a constituição da comunidade galega em Salvador. O sentimento de saudade da terra natal foi desta forma reconfigurado no sentimento de pertença étnica e na luta para construir uma nova vida além-mar.

A formação da colônia galega ajuda a compreender como em Salvador os imigrantes se constituíram como uma etnia fechada e reativa à discriminação sofrida por todos os segmentos da sociedade baiana durante as primeiras décadas. Foram demarcados como parte de um grupo marginal, diferente e estrangeiro. Ao chegar em uma cidade empobrecida e socialmente desigual como Salvador, a galeguidade também é vista de forma etnicizada. pela população local e por si mesma, e se afirma como subjetividade branco-etnicizada.

Por um lado, a elite branca olhava os galegos como atrasados, um segmento europeu inferior. “A visão negativa é permanente: rústicos, incultos, violentos. Não ‘limpam a raça’¹⁵ nem trazem a civilização” (BACELAR, 1994, p. 31). Por sua vez, a grande camada social trabalhadora, negra e pobre os vê como um povo que quer roubar o trabalho dos nacionais – sobretudo estabelecendo-se em setor de grande necessidade e competição como o da alimentação – explorador e com sotaque de difícil compreensão, mais ainda que os portugueses com quem já interagem. Desta forma, “o galego incorpora um plano de paradigma racial vigente que entende o brasileiro pobre de cor como um ser de segunda classe; e estes ressentem-se dos brancos em geral, mas não podem atingir a todos (BACELAR, 1994, p. 32).

15 Aqui o autor refere-se ao fato de que diferentemente dos portugueses, italianos e espanhóis de outras regiões do país, os galegos não se misturavam com a população local.



Angélica, uma das entrevistadas afirmou o entendimento de que a discriminação social em relação aos imigrantes galegos advinha de sua condição de pobreza. Era como se trouxessem plasmada em seus corpos a condição de discriminação e exploração vivida na Europa. Ao mesmo tempo, esse sentimento de inferiorização se movimenta ao longo do tempo como uma força motriz para a superação e a reivindicação de tudo que deixaram para trás.

Aspectos apontados na literatura e os relatos dos/as seis descendentes ajudam a precisar como a formação etnicizada galega coloca em movimento aspectos da colonialidade e da branquitude. Imigrantes chegam na capital baiana e permanecem como um grupo étnico, ainda que por vezes afirmando-se como espanhóis. Dentre os estabelecimentos e instituições fundadas todos fazem referência à Espanha, com exceção do clube de futebol, o Galícia Esporte Clube. Um exemplo disso é o fato de que apesar de apresentações de seu grupo folclórico, grande repercussão da gaita galega e frequência quase exclusiva de imigrantes galegos, o Clube Espanhol não faz referência à Galícia em seu nome ou em sua concepção. Como relatou Pedro, um dos entrevistados, de forma precisa.

No Clube Espanhol só podia entrar espanhol. A gente fala espanhol, mas novamente, foi fundado como Clube Espanhol porque existia uma vergonha de ser galego. Então vamos botar assim “Clube Espanhol” é mais chique. A gente pendura uns quadros de uma galera bonita, castelhana.

Além do exposto acima, vimos como havia tensões internas e divisões de classe entre os próprios imigrantes e, ao mesmo tempo, como se confortavam dos encontros para matar as saudades da terra natal. Neste sentido, observamos como a etnicidade pensada em relação a marcadores como classe e gênero ganha outros contornos, sendo que os imigrantes se posicionam ora enquanto espanhóis e ora enquanto galegos, mantendo um propósito através da etnicidade diferenciada em cada uma destas duas posturas.

No contexto de Salvador, terra de uma esmagadora maioria de negros oprimidos, “o estrangeiro, com ênfase no grupo galego, é um excelente repertório de tensões sociais e étnicas, na construção de um projeto hegemônico sobre as camadas subalternas” (BACELAR, 1994, p. 32). O autor acrescenta que “o projeto hegemônico não é uma ideia ou uma criação sem correspondência com a realidade, mas sim um complexo instrumental vinculado estreitamente às instituições socioeconômicas do mundo baiano” (BACELAR, 1994, p. 31 e 32). Desta forma, o fenômeno da migração galega coloca em movimento a questão precisa de como dois grupos étnicos e raciais dominados – no caso, galegos e negros respectivamente – respondem de maneiras diferentes à colonialidade.

Os grupos raciais e étnicos dominados têm existência ativa na dinâmica do campo de forças em que irão se constituir as relações de poder na cidade.



Nela, os grupos raciais e étnicos dominados não são um corpo acessório ao projeto hegemônico, mas antes grupos dotados de uma organização cultural própria e de uma história específica” (BACELAR, 1994, p. 33).

Lembrando que raça e etnia são definidas por marcadores de hierarquização, as os relatos de descendentes corroboram com a leitura de que imigrantes galegos experienciaram o sentido da reconfiguração da sua etnicidade ao deslocarem-se para uma cidade negra na América do Sul – de forma subjetiva e no encontro com segmentos sociais locais.

As políticas imigratórias de países latino-americanos, como é o caso do Brasil, estiveram em favor de povoar seus territórios com europeus, supostamente por sua “mão de obra qualificada”. Seguindo a lógica da colonialidade, isso ajudou a alimentar o imaginário de migrantes que viam a possibilidade de não só (re)construir as suas vidas no Brasil, como também de atuarem como agentes fundamentais para “socorrer o país” e ajudá-lo em seu processo de desenvolvimento. Torna-se evidente o papel do imaginário da força do trabalho e do imaginário que supunha a “mão de obra qualificada” ou uma “ética de trabalho.”

Se ao chegar em Salvador, os imigrantes galegos carregavam consigo a subjetividade de uma etnia subalternizada, ao longo do tempo, sobretudo após as duas primeiras décadas, sua etnicidade ganhou novos contornos através do processo de ascensão socioeconômica. Neste sentido, o discurso hegemônico favoreceu a etnicidade galega com novos desdobramentos, uma vez que se afastava gradualmente de seus associativismos, para fincar-se como corpo branco, ainda que etnicamente marcado. Em decorrência disso, surgem novas interpretações do que significa ser imigrante e descendente de galego na Bahia.

Ademais, a permanência dos imigrantes denota a forma como a sua mobilidade espacial se relaciona com sua ascensão socioeconômica. A população galega, como tinha pouco dinheiro ao chegar em Salvador, se instalava nas proximidades do Porto e com o tempo se movimenta para outras regiões próximas da Cidade Baixa, áreas também de moradia popular. À medida que se consolidaram economicamente, mudaram-se para bairros de elite (BRAGA, 1995). Esta mudança espacial dentro da cidade ocorreu em todos os relatos (auto)biográficos.

As reflexões do sujeito descendente de imigrantes galegos sobre a sua ancestralidade permitem também movimentar a percepção deste corpo jovem e masculino etnicizado que chega amedrontado em relação a um lugar desconhecido esboçado por possibilidades de vencer. Todas as qualidades positivas atribuídas pelos/as descendentes de galegos aos seus servem como justificativa, portanto, para a ascensão socioeconômica dos imigrantes. Essas qualidades não são reconhecidas em segmentos da sociedade baiana em geral, sobretudo nos negros. Na Bahia, a identidade étnica galega, com a sua permanência e constituição de família, ainda que deixe seus símbolos, perde sua força e assume-se branca e, portanto, auferir privilégios.



Não houve menção sobre a questão racial como sendo um fator estruturante para o êxito galego, ainda que tenha havido o reconhecimento da busca de aproximação e reconhecimento da elite baiana e de que havia algum nível de racismo contra a população negra.

Em uma cidade majoritariamente negra, na qual seus povos não são reconhecidos historicamente em suas várias etnias, simplesmente por serem negros, percebemos que, por serem brancos, os imigrantes galegos foram etnicizados desde a sua chegada. Além disso, vemos como a branquira galega é reconhecida e valorizada pela elite à medida que emplacam êxito em seus negócios. É notório como a branquitude estabelece um sistema de poder associado à ética de trabalho. Não foram poucas as exposições de outros segmentos da sociedade baiana reconhecendo os galegos como um povo honesto e trabalhador. Reconhecimento que trouxe o exercício de uma cidadania efetiva, independente de que os imigrantes tivessem adquirido a nacionalidade brasileira.

MIGRAÇÃO DE RETORNO: UMA LEITURA SOBRE A RACIALIZAÇÃO DA BRANQUIRA

Não é raro filhos/as de migrantes crescerem com a ideia, ou a cogitarem em algum momento da vida de residir no país ou até mesmo no lugar onde os seus pais nasceram. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2022¹⁶ havia 7.534.513 de espanhóis nascidos no estrangeiro, sendo que um total de 156.540 deles nasceram no Brasil. Contribui para isso o fato de que, para além do apelo emocional, assim como outros países, o governo espanhol reconhece a cidadania espanhola para filhos/as e, em alguns casos, para netos/as de espanhóis¹⁷.

As pessoas entrevistadas, independentemente de haver ou não projetado um desejo anterior de morar na Espanha, não expressaram nenhum sentimento de desconforto com a dupla cidadania, brasileira e espanhola. Entretanto, as dificuldades apresentadas na mudança para a Espanha em busca de trabalho foram inúmeras. Os motivos mais comuns incluem o fato de não sermos locais; falarmos com sotaque; representarmos uma ameaça para as pessoas locais ao interpretarem a nossa presença como tentativa de roubar o trabalho dos/as nativos/as. Não

16 Instituto Nacional de Estadística (INE). Acesso em 02/05/2023. <https://www.ine.es/jaxi/Datos.htm?path=/t20/e245/p08/l0/&file=01006.px>

17 A cidadania espanhola para descendentes é reconhecida através da Lei da Memória Democrática. “Graças à lei, as seguintes pessoas podem adquirir a nacionalidade espanhola:

- i. Os nascidos fora da Espanha de pai ou mãe, avô ou avó, originalmente espanhóis.
- ii. Filhos e filhas nascidos no exterior de mulheres espanholas que perderam a nacionalidade por matrimônio com estrangeiros antes da entrada em vigor da Constituição de 1978.
- iii. Os filhos maiores de idade daqueles que adquiriram a nacionalidade espanhola pela Lei da Memória Histórica, também conhecida como Lei dos Netos.”

Página da Embaixada Espanhola no Brasil, acesso em 03/02/2023. <https://www.exteriores.gob.es/Embajadas/brasil/pt/ServiciosConsulares/Paginas/Consular/Lei-de-Mem%c3%b3ria-Democr%c3%a1tica.aspx>.

somos reconhecidos/as como iguais e tampouco se reconhece a importância do aporte que a emigração galega teve para a Galícia ou para a Espanha

Todos/as os/as descendentes, com exceção de um entrevistado, revelaram também experimentar algum nível de dificuldade laboral durante o tempo que viveram na Espanha. A experiência de habitar a Espanha nos conferiu sentimentos e percepções antagônicas no que tange aos encontros e à relação com o tecido social. Assim como quando estrangeiros são recepcionados pela imigração estadunidense, britânica, ou francesa, por exemplo, na Espanha, ainda que com passaporte espanhol, também fomos questionados/as por autoridades ou pessoas comuns: “por que você veio?” “O que veio fazer aqui?” Entendemos de forma quase unânime que há um questionamento do nosso sentido de pertença e legitimidade por optar por viver ali ou tentar uma “migração de retorno.” Fomos também quase todos/as discriminados e não nos sentimos acolhidos, alguns de nós inclusive por familiares. Percebíamos que longe de sermos reconhecidos/as por nossa ascendência galega/espanhola, éramos identificados como brasileiros e/ou sudacas (forma pejorativa como os/as espanhóis se referem às pessoas sul-americanas).

Segato (2021) discorre sobre o lugar ambíguo da dupla consciência da elite embranquecida e eurocêntrica da América Latina – que no olhar do Norte imperial é vista como diferente em relação à Europa e parte constitutiva desta região e, portanto, não ocidental – reforçando a lógica moderna de ocidente e não-ocidente. Na interpretação da autora “é uma consciência autodeclarada mestiça quando deseja defender suas possessões nacionais contra o outro metropolitano, e supostamente branca quando deseja diferenciar-se daqueles que despoja naqueles territórios” (SEGATO, 2021, p. 20). Esta elite fortalece a ideia do que Segato (2021, p.175) denomina “raça como o ponto cego no discurso latino-americano sobre outridade”. A problematização dos corpos latino-americanos que são, a um só tempo, racializados pelo Norte imperial e não racializados na América Latina, revelam

a necessidade de desmascarar a persistência da colônia e lidar com o significado de raça como princípio capaz de desestabilizar a estrutura profunda da colonialidade. Perceber raça no continente, nomeá-la, é uma estratégia de luta essencial no caminho da descolonização (SEGATO, 2021, p.179).

Ao mesmo tempo que imigrantes galegos se apresentaram enquanto etnicidade em sua chegada e permanência em Salvador, ser descendente de galego no Brasil é ser branco e, portanto, pertencer a uma parte da população em permanente estado “natural” de normalização e aceitação, ainda que numericamente inferior. Entretanto, na Espanha a ascendência espanhola se inviabiliza ao ser invisibilizada é colocada no lugar de estrangeira e brasileira, escoltada pela branquitude local.



Neste sentido, descendentes de galegos veem a sua brancura ser profundamente questionada ao residirem na Espanha. Percebe-se claramente então que as várias camadas da brancura são refletidas não somente no espetáculo étnico nas metrópoles das nações centrais, mas também na etnicidade que passa a se diferenciar dentro do mesmo grupo étnico.

Os relatos de experiências das motivações em viver na Espanha, de experiências laborais e da convivência social deslocam as conceituações. Desta forma, enquanto descendentes na Espanha, “descobrimos ou aprendemos” que o *status* de normalização e a aceitação prescritos pela branquitude não funcionam como de costume no Brasil e nos tornamos brasileiros/as, sendo, por isso, pertencentes a uma outra nacionalidade, quiçá a uma outra etnia. Lá, na Espanha, perdemos grandes doses de nossa galegidade e brancura.

A colonialidade, portanto, torna a branquitude precária, de modo que os traços e as marcas do corpo, que no Brasil são suficientes para a carta da brancura (e os privilégios que a acompanham), na Espanha não são suficientes para evitar o preconceito e a identificação como “outro” ou “outra”. Uma vez que ser branco não esgota o seu real significado, não se trata somente de uma questão fenotípica visto que os traços e origens, ainda que genética e legalmente evidenciados, são constantemente questionados. Como visivelmente comprovado pelas experiências como descendentes na Espanha, primeiro somos brasileiros e brasileiras ou sudacas, e não brancos e brancas.

Vemos como, no caso galego, a colonialidade e a branquitude favorecem a movimentação da etnização da brancura, promovendo uma hierarquização étnica favorável aos imigrantes. Os galegos apresentam-se como etnia ao chegar na Bahia e com o passar do tempo percebem que podem (in)visibilizá-la, apresentando-se como espanhóis. Trata-se da etnicização do branco, enquanto descendentes podem passar pela experiência de (re)etnicização da brancura e promoção de uma hierarquização étnica desfavorável na Espanha. Ou seja, fica evidenciada uma racialização da brancura. As pessoas brancas podem se tornar “menos brancas” através do processo de hierarquização étnica ou racial que conduz à etnicização ou racialização da brancura que suscita as suas camadas. Vale notar, no entanto, que esse fenômeno localmente situado, porém com dimensões internacionais, jamais se assemelha às experiências sofridas por pessoas negras nos processos impostos pelo racismo através do embranquecimento.

As motivações para morar na Espanha foram testadas a partir da vivência laboral e desdobramentos da convivência social na nova/velha pátria. Tornou-se evidente para todos/as os/as seis descendentes deste estudo, que cidadania espanhola conquistada como direito constitucional não legitima a “cidadania efetiva ou moral”, aquela que reconhece que somos de fato espanhóis/espanholas e parte da história do país. Entendemos com o passar do tempo que ser descendente causa estranhezas que atravessam o sentimento de não pertencimento, por vezes difíceis de nomear.



Vemos e experienciamos a forma como a colonialidade, a etnicidade e a branquitude são reveladas como instrumento geopolítico transportado por nossos corpos migrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas migratórias são atravessadas por experiências que estão conjugadas com as lógicas de hierarquização e valorização das subjetividades fortemente atreladas a aspectos de etnicização e racialização de corpos migrantes. O artigo, através da análise da migração europeia para a América do Sul e “migração de retorno” de seus descendentes, demonstrou como as mesmas marcas genéticas possuem leituras distintas inseridas no tempo e espaço que as pessoas ocupam. Migrantes galegos ao traçarem seu percurso em Salvador foram constituídos e se constituíram nessa cidade, assim como os seus descendentes ao viverem na Espanha. Ainda que a imigração galega tenha findado na década de 1970, os marcos simbólicos e materiais permanecem vivos na cidade¹⁸, o mesmo não foi revelado através das experiências de retorno de descendentes.

Independente de todas as narrativas sobre como os imigrantes submeteram-se a condições penosas para migrar e se sustentar no novo mundo, é necessário reconhecer como a colonialidade e a branquitude operacionalizaram contornos na etnicidade favorecendo a ascensão socioeconômica. Dessa forma, os imigrantes galegos, enquanto grupo branco-etnicizados, encontravam-se subscritos na colonialidade e na branquitude, evidenciado através associação eurocêntrica entre a ética de trabalho e valores étnicos para superação dos desafios impostos em seu processo imigratório em Salvador.

Em Salvador, a experiência de corpos galegos mostra como a colonialidade pode ensejar uma conjugação de certa etnicidade com alguns privilégios da branquitude, ainda que essa branquitude etnicizada também se veja discriminada na relação com outra branquitude, aquela supostamente sem marcas étnicas, representada pela elite baiana.

18 Apesar de pequena em comparação ao número total da população, a imigração galega não passou despercebida e trouxe várias contribuições para a cidade da Bahia (VIDAL, 1999; BRANDÃO, 2005; VIANA, 2016; UZEDA, 2021), especialmente no setor de comércio e serviços, com destaque para as áreas relacionadas a construção civil, hotelaria e alimentação – sobretudo padarias, pastelarias e armazéns de secos e molhados. No que tange às instituições, destacam-se o Hospital Espanhol, o Centro Espanhol e a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago (VIANA, 2016). Vale ressaltar também o Clube Recreativo União do Rio Tea (1976), o Centro e Estudo da Língua e Cultura Galega – CELGA/UFBA (1995), e o Esporte Clube Galícia (1933). Salvo o Esporte Clube Galícia, criado em 1933, as outras entidades estabelecidas em Salvador por galegos não tiveram associação étnica em seu nome (CAGIAO, 2018). É importante acrescentar que alguns imigrantes galegos também se destacaram no meio acadêmico/intelectual, cultural, social e político (VIDAL, 1999).

O processo de ascensão socioeconômica ao longo das décadas permitiu às pessoas galegas a vivência de uma etnicidade cada vez menos submetida ao preconceito, isto é, cada vez mais assimilada ao padrão da branquitude. Além disso, experenciam uma cidadania plena e efetiva

A brancura de nossos ancestrais lida no Brasil é a mesma que opera em nós, descendentes. O presente estudo anuncia-se como um convite para enfrentarmos a porta de vidro da branquitude que segundo Piza (2002) é tão invisível que só se torna evidente ao ser golpeada, o que gera uma imensa dor. Os nossos privilégios enquanto descendentes parecem invisíveis quando somente equacionamos a ascensão socioeconômica dos nossos antepassados ao suor e trabalho e desta forma mal conseguimos enxergá-los. Mas quando, nos damos conta deles ao historicizar as lutas dos povos negros e indígenas na Bahia e no Brasil, batemos com a cabeça nesta porta de vidro da branquitude.

Nós, brasileiros descendentes de primeira geração de espanhóis, nos distanciamos um pouco da branquitude ao experimentar a “migração de retorno”. Ficou evidente que as nossas expectativas enquanto descendentes, ainda que nem sempre claramente verbalizadas, eram de sermos vistos/as como brancos/as e de termos a nossa ancestralidade reconhecida. Percebe-se a frustração ao não termos nenhum destes reconhecimentos. Por consequência, experimentamos um choque através da forma como somos interpretados/as pelo outro, um outro geneticamente similar a nós. Batemos, desta vez, não na porta de vidro da branquitude, mas nos enxergamos no espelho racializado da nossa brancura. Nele vemos a imagem da etnicidade galega apagada e percebemos a forma como somos vistos/as claramente através de uma etnicidade nacionalizada/regionalizada, ao mesmo tempo estrangeira e inferior por ser brasileira e sul-americana e nossa brancura hierarquicamente racializada.

Desta forma, enquanto o racismo sofrido por povos negros é um fenômeno que desconhece fronteiras, a racialização da brancura, como vista através do estudo, é um fenômeno geopolítico que desmascara a forma como a imigração favorece que corpos originalmente percebidos como brancos no Sul Global, portanto subalternizados, sejam interpretados como não-brancos no Norte Global.

Ademais, compreendemos que o deslocamento migratório promove o deslocamento da brancura e com ela a reconfiguração com novos contornos da colonialidade, etnicidade e branquitude, chamando a atenção para outro tipo de racismo – revelado de forma sutil através do nível de pertencimento e de cidadania plena e efetiva conferidos ou não a alguns grupos.

Observamos, assim que o pilar da imigração europeia na América Latina em geral, e no caso da imigração galega em particular, é a continuação do projeto de expansão colonial que coloca o trabalho como o principal elemento da sua identidade movida pelo imaginário de uma mão de obra qualificada e de uma ética conjugada pelo eurocentrismo, pela colonialidade e pela branquitude.



.Em um mundo atravessado pela colonialidade, etnicidade e branquitude, as relações humanas, inscritas no internacional, também são pautadas pela lógica de poder simbólico atribuída aos corpos e às suas subjetividades em consonância com as leituras efetuadas aos deslocamentos humanos a nível da geopolítica mundial.

O fenômeno da imigração galega em Salvador e seus desdobramentos através da “migração de retorno” convoca para a urgente necessidade de “(re)fazer a Europa.” Reconstrução essa que não passa pelos ideais desenvolvimentistas e eugênicos do século 20, mas pela urgência de outra lógica civilizatória, para além da Europa. Nesta lógica, corpos migrantes do Sul Global terão validadas sua existência, com o reconhecimento das contribuições e interpretações sobre os processos históricos entre os países e formas de existir através de uma cidadania plena e real, sendo ou não descendentes de europeus, optando ou não por possuir a cidadania de um país deste continente.

REFERÊNCIAS

ALBAN, Maria Del Rosario S. *A imigração galega na Bahia*. Salvador: Centro de estudos baianos da Universidade Federal da Bahia, 1983.

BACELAR, Jeferson. *Galegos no paraíso racial*. Salvador: Ianamá/UFBA, 1994.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE & BENTO (orgs). *Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude no Brasil*. Editora Vozes – 6ª edição, 2002, p. 25-56.

BRAGA, Célia Maria Leal. *Memória de imigrantes galegos*. Salvador: UFBA/Centro Editorial e Didático, 1995.

CALVO-GONZALEZ, Elena, On the (in)visibility of whiteness and Galician Immigration in Salvador da Bahia, Brazil. *Social Anthropology*, 0,0 1-15, 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Editora Zahar, 2023.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude no Brasil*. CARONE & BENTO (orgs), Editora Vozes, 6ª edição, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Martins Fontes, São Paulo, 2005.



FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não marcada. In: WARE, Vron (org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-338

FRAZÃO, Samira M. Política (i)migratória brasileira e a construção de um perfil de imigrante desejado: lugar de memória e impasse. *Revista Antítese*, vol. 10, n. 20, 2017.

HALL, STUART. *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity Nation*. Harvard University Press, 2017.

QUIJANO, Aníbal. El 'movimiento indígena' y las cuestiones pendientes en América Latina. In: *Aníbal Quijano Cuestiones y Horizontes. Antología esencial. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. CLACSO, 2000^a, 707-739.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo e América Latina. In: *Aníbal Quijano Cuestiones y Horizontes. Antología esencial. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. CLACSO, 2000b, p. 861-935.

QUIJANO, Aníbal. Estado-nación, ciudadanía y democracia. In: *Aníbal Quijano Cuestiones y Horizontes. Antología esencial. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. CLACSO, 2000c, p. 605-624.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Cobogó, 2019.

KLEIN, Herbert S. *Imigração Espanhola no Brasil*, Editora Sumaré, 1994.

KLEIN, Herbert S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*.

MARTÍNEZ, Elda Evangelina González. O Brasil como o país de destino para os espanhóis. Em FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*, edusp, p. 239-271, 999.

MERCER, Kobena. Introduction. In: *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity Nation*. Harvard University Press, 2017.

MILLS, Charles. *The racial contract*. Cornell University, New York, 1997.

OLIVEIRA, Lúcio Otavio Alves. *Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.



PERES, Elena Pajaro. *A inexistência da terra firme: a imigração galega em São Paulo 1946-1964*. Edusp, 2002.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude no Brasil*. CARONE & BENTO (orgs) Editora Vozes – 6ª edição, 2002, p. 59-89.

SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador; Estudo da Geografia Urbana*. Edusp/Edufba, 2008.

SANTOS, Ynaê Lopes. *Racismo Brasileiro: uma história da formação do país*. todavia, 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e a antropologia da demanda*. Bazar do Tempo, 2021.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Aeroplano Editora, 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O Universalismo Europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

